

## **JOÃO DO RIO E AS REPRESENTAÇÕES DO RIO DE JANEIRO: O ARTISTA, O REPÓRTER E O ARTÍFICIO A FRÍVOLA CITY DE JOÃO DO RIO**

**Aluna: Michelle de Souza Egito**  
**Orientador: Renato Cordeiro Gomes**

### **Introdução**

Este trabalho inscreve-se no projeto de pesquisa *João do Rio e as representações do Rio de Janeiro: o artista, o repórter e o artifício*, coordenado pelo professor Renato Cordeiro Gomes, do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. O projeto consiste no resgate e na análise – sob a ótica das representações da cidade do Rio de Janeiro – de textos originais do jornalista e escritor carioca Paulo Barreto – ou João do Rio (1881-1921), depositados na Biblioteca Nacional.

A pesquisa iniciou com o objetivo de fazer uma leitura comparativa da obra de João do Rio e Lima Barreto, a partir de um recorte socioeconômico e literário. Com o levantamento de crônicas dos jornais na Hemeroteca Virtual da Biblioteca Nacional, a pesquisa tomou novos rumos e optou-se por caminhar em outra direção, tendo como ponto de partida a investigação do que seria o livro *Frívola city*, planejado e não realizado por João do Rio.

Paulo Barreto – ou João do Rio – foi um dos principais literato e jornalista de sua geração. Muitas das obras do escritor são constituídas por reuniões de crônicas publicadas em jornal a partir de uma temática que trouxesse uma unidade ao livro. *Frívola City* aparece como um projeto de livro futuro, porém a morte súbita do autor inviabiliza o projeto, que não chegou a ser concluído. Assim, o objetivo principal é fazer uma leitura mais acurada do material pesquisado, interpretar essa parte de sua obra que é pouco explorada e menos valorizada e compreender a visão de *Frívola City* de João do Rio, traçando a partir daí como poderia ter sido esse livro.

Com uma extensa obra que tem principalmente como tema de fundo os costumes, as práticas sociais cariocas, e o cotidiano urbano, o escritor como um explorador, revela suas experiências nos diversos grupos sociais, no início do século XX, em que o Rio de Janeiro vivia a *Belle Époque*. Um dos grupos que João do Rio elege como principal e que aparece com grande frequência como tema de seus textos, é a elite da sociedade carioca, camadas aburguesadas que ele chamava “encantadores”, em oposição à “canalha”, a classe mais popular de trabalhadores e mendigos. Esse segmento urbano aí representado é um Rio de Janeiro recortado onde cabem apenas os prazeres reservados dessa classe com seus salões e divertimentos. A essa cidade ele dá o nome de *Frívola City*.

### **Objetivos**

Deste modo, é conveniente repetir, inicialmente a proposta da pesquisa visava a analisar a coluna Pall-Mall do jornalista-escritor publicada no jornal *O Paiz* de 1915 até o início de 1917. Fez-se em seguida uma análise comparativa com as crônicas reunidas de Lima Barreto, com a finalidade de mostrar os contrapontos sociais do período em que o Rio de Janeiro, tornava-se a Paris dos trópicos.

A pesquisa, contudo, tomou novo fôlego ao adentrar no mundo dos “Encantadores”- nome que o escritor dava à elite carioca - da “*Frívola City*” de João do Rio, o mundo retratado pelo autor em sua coluna, a elite carioca do início do século e seus costumes.

Assim, baseados no anúncio do futuro livro, *Frívola City*, que foi planejado, mas não concretizado.

Fundados num estudo do que seria essa cidade e suas características, foi feito um levantamento das crônicas de João do Rio e dos outros pseudônimos que a retratassem. Foram identificadas, mais de 200 crônicas que serão organizadas e apresentadas em tópicos, motivos e temas recorrentes. A recolha dessas narrativas, nas fontes primárias, se desdobrou na transcrição dos textos, com atualização da ortografia, respeitando as marcas do tempo, sobretudo no que diz respeito às palavras estrangeiras.

O intuito final é resgatar a proposta do próprio autor e trazer à luz uma possível organização do que viria a ser esse livro, baseado em seu conjunto de obras.

### **Rio do início do século XX**

O Brasil República no início do século XX marca também o início de uma nova estrutura social; as camadas sociais passam por mudanças. O que passa a definir a elite não é mais a nobreza ou títulos, essa nova elite é constituída pelas camadas aburguesadas, pelos abastados, aqueles que conseguiram enriquecer (ou se manter ricos) nessa transição de regimes, época de arrivismo e da inserção compulsória do Brasil na Belle Époque, para usar a expressão de Nicolau Sevcenko.

A esse Brasil independente importa deixar para trás toda sombra de seu passado de colônia. Dessa forma, grandes transformações são realizadas, começando da capital, que tem o objetivo de ser modelo do que se queria desse novo projeto de país. Essas transformações vão desde a estrutura da cidade, com as mudanças promovidas por Pereira Passos, onde se tem como objetivo transformar o Rio na Paris dos trópicos, até os novos ritmos e ritos do Rio (ver Sevcenko, no vol. 3 da *História da vida privada no Brasil*), que também alteram os projetos individuais de seus habitantes. A ambição nesse propósito, por exemplo, é tamanha que o prefeito importa pardais direto da França. Outro índice desse estado de coisas foi a Exposição Nacional de 1908, realizada no Rio de Janeiro, na Urca, para demonstrar o progresso do país.

Sob um aspecto geral, os caminhos dessa transformação seguiam regras bem específicas, como revela Sevcenko:

a transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade cariocas foi regido por quatro princípios básicos: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares de área central da cidade – que será praticamente isolada ara desfrute exclusivo das camadas aburguesadas -; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (Sevcenko, *apud* Gomes, 1996, p. 16)

Há mudanças também na zona comercial do porto, nas normas de convivência na área central do Rio. Regras sobre vestimenta – exigiam-se agora trajes próprios para transitar pela região, como também o uso obrigatório dos sapatos, que eram pouco utilizados pelas classes mais baixas -, comportamento e abolição de velhos hábitos. A elite será a grande beneficiada pelas mudanças promovida por Pereira Passos. Ela irá compor a cidade-cenário onde claramente nem todos poderiam atuar. “A parcela da cidade que fugia desse universo era vista como obscena, isto é, deveria estar fora de cena, para não manchar o cenário de cidade civilizada emblematizada pela Avenida Central” (Gomes, 1996, p. 32).

A "regeneração" feita pelo prefeito descaracteriza o Rio que foi construído ao longo dos anos e introduz uma nova identidade que se espelha na Europa. O Rio que se pretende é o que se alinhe a grandes cidades como Paris e Londres. A ambição é ser como o mundo "civilizado" e tudo que foge a isso deveria ser eliminado. Esse critério fica claro quando

Figueiredo Pimentel sentencia "o Rio civiliza-se". A máxima que ficou eternizada deixa claro o que significava civilização. Na crônica "O Velho mercado", João do Rio comenta a transformação que o Rio atravessava, como uma sentença, o processo único de modernização, da padronização:

(...) a civilização é a igualdade num certo poste, que de comum acordo se julga admirável, e, assim, como as damas ocidentais usam os mesmos chapéus, os mesmos tecidos, o mesmo andar, assim como dois homens bem vestidos hão de fatalmente ter o mesmo feitio da gola do casaco e do chapéu, todas as cidades modernas têm avenidas largas, squares, mercados e palácios de ferro vidro e cerâmica.

O cosmopolitismo invade o Rio, os hábitos e comportamentos europeus são importados. O *tea o'clock* é introduzido no dia a dia da elite, as palavras francesas predominam no vocabulário dessa parcela da sociedade. A moda é baseada nos trajés europeus, sem mesmo considerar a mudança no clima, o anseio em emular hábitos do velho continente, levar aos cidadãos da Frívola-City a pecarem pelo excesso (e muitas vezes chegarem ao ridículo). Exemplos como esse são explorados por João do Rio, que brinca, ironicamente, com os exageros cometidos nessa cópia:

Ora, com os homens agora dá-se esse fenômeno de moléstia do estetismo. Acham-se todos irresistivelmente em postos porque adquiriram a noção de luva. A luva mesmo para o quase miserável na Europa, é uma parte essencial do traje. Ninguém repara, como não se repara aqui nas senhoras de luvas. Mas um cavalheiro passear espécie de *polyanthéa* de tecidos e padrões, de botinas amarelas, luvas de lã cor de havana, chapéu de palha, corrente com berloques, colete fantasia – é que é carnavalesco." (16 de julho de 1911 – Gazeta de Notícias, "A elegância masculina")

A República extinguiu a antiga nobreza, e estabelece um verdadeiro culto da aparência exterior, com vistas a qualificar de antemão cada indivíduo. (Sevcenko, 1983, p. 57). Para esse novo grupo é a fortuna, o consumo, mas, principalmente, a aparência que representa seu poder. É a sociedade do Figurino, como João do Rio caracteriza.

Tudo no mundo é cada vez mais figurino O figurino é a obsessão contemporânea. Se os antigos falavam de quão idade, sendo que na ultima, na de ferro, fugiu da terra para o azul a verdade, nesta agora o figurino impera. Estamos na era da exasperante ilusão, do artificialismo, do papel pintado, das casas pintadas, das almas pintadas. E esta era será até ao fim do mundo (Rio, 1911, p. 68)

Outro fator que se torna fundamental a essa elite é o desenvolvimento de boas relações. Por conta disso os estabelecimentos mais nobres da cidade, que surgem após a restauração, serão pontos de encontros. Os salões e até o *boulevard* da Avenida Central tem seu fim principal ser a passarela, o lugar de exibição de todo esse luxo, onde as pessoas iam para ver e serem vistos.

A nova demanda da elite é de afirmação do poder. E para isso ela se revestira de tudo que simbolizava a elegância e a riqueza. Esse novo grupo que ocupa a elite, busca construir sua identidade, fazer seu nome e forjar um passado, já que diferente da Nobreza que se apoiava no histórico familiar, não possuem qualquer ligação pré-estabelecida. Muitos pertencentes ao grupo eram emergentes e, dessa forma, aprender a viver na alta sociedade era essencial para quem quisesse fazer parte do clube.

Nessa busca, será a Europa e os EUA o marco referencial. Os símbolos da modernidade que faziam sucesso fora do país serão eleitos os grandes representantes para a elite. Assim as novas tecnologias que surgiam como os automóveis, cinematographo, fotografia, telefones, a moda e os costumes dessa sociedade que ganhava destaque mundo afora era, sobretudo

importada. Estar por dentro das novidades e mostrar o domínio delas era fundamental para marcar a distinção social. Quanto mais diferenciado, mais bom gosto. O esnobismo e o arrivismo são características principais que completavam boa parte dos personagens de João do Rio.

### **O gênero apropriado pelos jornais**

A crônica considerada um gênero menor pela literatura, em pouco tempo de imprensa invade os periódicos cariocas como uma opção de entretenimento. “Em meio a tantos acontecimentos ligados ao cotidiano – matéria- prima da crônica-, o cronista vai pinçar o que mais lhe interessa e revelar por meio de uma narrativa solta, de uma linguagem “natural”, de um tom leve e uma grande simplicidade, características marcadas, sobretudo, pelo artifício desse artista” (Novaes, 2015, p. 26). E é relatando detalhes do cotidiano que a crônica é inserida no jornal, com destino traçado, ser breve e trazer algum momento de distração assim como seu suporte.

Ganhando grande espaço, como contribuidor social e histórico “as crônicas podem ser consideradas ‘documentos na medida em que se constituem como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um tempo social vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações” (Neves *apud* Novaes, 2015, p. 27)

A presença de escritores comum ao jornal permite que as crônicas ganhem destaque e deixem de abordar apenas assuntos superficiais. Logo a crônica passa de fonte de distração para meio de expor as condições daqueles que viviam à margem, numa cidade segregada. No formato de crônica, jornalistas-literatos como Lima Barreto, Olavo Bilac e o próprio João do Rio, denunciavam e traziam à luz o que estava escondido pelas vielas, morros e subúrbios da cidade.

O que mais marca nessa tendência, de certo modo, ao lado do registro da vida mundana, é o caráter de denúncia, que beirava um ato político, uma vez que os consumidores dos jornais eram quase todos integrantes da elite, já que o analfabetismo ainda era um grave problema, já que menos de 30% da população brasileira era alfabetizada. Com o público-alvo desse veículo sendo claramente a classe mais abastada, as crônicas de temática social traziam à tona o outro lado da cidade, ainda que a elite tivesse sido poupada do convívio com tal realidade.

A crônica então se torna ferramenta para esses escritores que olhavam com desconfiança a “Regeneração” da cidade, com a exclusão de grande parcela da população e aproveitavam o espaço para protestar. Grandes escritores ficam marcados pelo engajamento nessa maneira de produção, a exemplo de Lima Barreto e de parte das crônicas de João do Rio, quando se revela como um “radical de ocasião”, como o caracterizou o crítico Antonio Candido. (Candido, 1980, 77).

Outro nicho que surge entre os cronistas é a crônica social, as que juntamente com os teatros e cinemas serviram como guia comportamental e de moda. Esse estilo de crônica inaugurado por Figueiredo Pimentel na coluna “Binóculo” na *Gazeta de Notícias*, onde, no período das reformas de Pereira Passos eternizou o termo “O Rio civiliza-se”. Logo Figueiredo torna-se um grande nome para aqueles que se debruçavam nos jornais em busca de mais dicas para ser *chic* e esbanjar o *glamour* procurado pela elite. Ele, porém, não é o único; aos poucos outros fazem seus nomes nesse círculo, como o próprio João do Rio, que nesse período também escrevia para a *Gazeta*. Na verdade esse tema muito interessava ao escritor, que, além por diversas vezes tê-lo trazido para suas colunas, fez também um número significativo de crônicas para esse e outros periódicos, textos depois selecionados e recolhidos em livros, como o romance epistolar *A correspondência de uma estação de cura* (1918) e *Pall-Mall-Rio de José Antônio José* (1917). João do Rio também cria personagens que se tornam representações da elite, dos “encantadores”, a exemplo do Barão de Belford,

que será figura carimbada em diversas crônicas e contos e Jacques Pedreira, personagem do romance *A profissão de Jacques Pedreira* (1911), onde mostra o drama da busca do rapaz por algo que o mova, com pouco trabalho, evidentemente, já que ele era o moço bonito que enfeitava os salões dos privilegiados da sociedade.

Assim, as colunas de crônicas sociais ganham grande destaque, por ser direcionada e de interesse dessa classe que consumia o jornal e as revistas ilustradas

É preciso reformular uma nova configuração da ordem, e, como já não se pode buscar o apoio da história para dispor os papéis, os heróis e as hierarquias, apela-se para o jornalismo, dando origem às indefectíveis colunas sociais [...]. Acompanham-nas as falanges emergentes dos fiscais do gosto, censores da correção, os ditadores da moda, proclamando seus decretos pelos jornais e revistas mundanas.” (Sevcenko, 2002, p. 237).

### **As duas facetas (ou máscaras) de João do Rio**

De toda produção de João do Rio o que ganhou mais destaque foram as crônicas de cunho social e político, como “Os trabalhadores da estiva” e “Crianças que matam” e outras recolhidas do volume *A alma encantadora das ruas*, por exemplo. Ele foi o que elevou a profissão de repórter a caracterizar-se como investigador; foi o que iniciou o ir para a rua, ir atrás da notícia, colocando em prática sua *flânerie*.

Dessa forma adentrou lugares marginalizados pela maioria da imprensa da época. Entrou em becos, visitou as primeiras favelas, o subúrbio, penetrava nos “buracos” que foram deixados de fora pelo embelezamento da cidade idealizada e registrava:

A pobreza, os miseráveis, o ‘entulho humano’ (como nomeou João do Rio, na crônica ‘Sono calmo’, de *A alma encantadora das ruas*), deveriam tornar-se invisíveis, mas é através dos textos dos cronistas que esta obscena se faz visível, mesmo que escondida por trás dos figurinos à francesa e das caças bem penteadas da boa sociedade: a máscara esconde, mas deixa transparecer o rosto lá no fundo (Gomes, 1996, p.34)

Porém não apenas disso era feito João do Rio, assim como os diversos pseudônimos que usava, a máscara principal do escritor, foi a do *flâneur* (muitas vezes com a máscara de *dandy*), a figura-icônica da época, que lhe permitia transitar por todos os lugares da cidade. Entre a “canalha” (com chamava os mais pobres) era visto como diferente, numa realidade com a qual não se identificava, e, por outro lado, para os “encantadores” era o elegante bem-vindo. Na sua forma de vestir que fez com que se tornasse também quase figurino encontra, como que uma espécie de passaporte, onde pode ir de uma ponta a outra da sociedade..

Gilberto Amado pontuará “quando o jornalista foi aceito pela elite, teve início uma segunda fase em sua escrita, na qual a exploração e a crítica do bizarro, do insólito e dos aspectos miseráveis da sociedade carioca moderna perderam terreno para a celebração do ‘alto mundo’. Ele não mais excitava a sociedade com experiências vicárias da modernidade; em vez disso, passou a alimentar o narcisismo do ‘alto mundo’ com mexericos, reflexões elegantes, comentários de moda e *divertissements* picantes” (Gomes, 1996, p.40). Porém em levantamentos dos registros de crônicas em sua vasta publicação em jornais, pode ser observado que a produção sobre os temas fúteis se inicia junto às suas preocupações sociais e são produzidas simultaneamente ao longo de toda sua carreira como escritor.

Por esse perfil paradoxal, é chamado por Antonio Candido de “radical da ocasião”, porém João do Rio deixa claro suas pretensões, como diz a frase de Godofredo de Alencar, um dos seus pseudônimos:

Nas sociedades organizadas, há uma classe realmente sem interesse: a média, a que está respeitando o código e trapaceando, gritando pelos direitos, protestando contra os impostos, a carestia da vida, os desperdícios de dinheiros públicos e tendo medo aos ladrões. Não haveria forças que me fizessem prestar atenção a um homem que tem ordenado, almoço e janta à hora fixa, fala mal da vizinhança, lê

os jornais da oposição e protesta contra tudo. Nas sociedades organizadas interessam apenas: a gente de cima e a canalha. Porque são imprevisíveis e se parecem pela coragem dos recursos e a ausência de escrúpulos” (Rio, *Crônicas de frases de Godofredo de Alencar*, apud Gomes, 1996, p. 63).

Seu interesse era entender o humano e o modo como se comportava. Sua obra no geral registra suas conclusões e reflexões que faz do que vê pela cidade. Sua matéria-prima era o homem, por isso sua obra é rica em temas que abordam aspectos etnográficos, seja da política à religião, da miséria à frivolidade.

Talvez por isso ter sido mal interpretado ou de certa maneira incompreendido e vítima muitas vezes de escárnio público de companheiros de profissão, como foi a paródia Pelle-Molle de João Francisco João, de Humberto de Campos. Porém com muita ironia sempre presente em sua obra ele rebate “Um dos meus prazeres é ter opiniões que ninguém siga. Por isso tenho certo trabalho em arranjar opiniões que, no momento, me dão falsa ilusão de que são apenas minhas.” (16 de julho de 1911 – *Gazeta de Notícias*, “A elegância masculina”)

Enquanto outros tinham como essencial o posicionamento e o engajamento em sua causa definida, João do Rio se ocupava em transmitir a psicologia urbana que a literatura poderia expressar. Talvez não com pretensões a mais de ser um pensador do comportamento humano, mas apenas como exercício de observador que era. De acordo com Guatarri e Rolnick, “é evidente que os maiores psicanalistas não são nem Freud, nem Lacan, nem Jung, nem alguém do gênero, mas gente com Proust, Kafka ou Lautréamont. Eles conseguiram respeitar as mutações subjetivas muito melhor que os empreendimentos de modelização pretensamente científico”. (Guatarri & Rolnick, 1999, p. 36). Como assegura no prefácio do livro *Pall-Mall Rio*, em que retoma a crônica “Frívola City” (07 de junho de 1908 – *A Notícia*):

Sou da opinião que para que para exprimir a metafísica e a ética da cidade só um livro seria completo: o que desse uma lista de nomes de cuja influência dependessem os pequenos fatos frívolos – que são os únicos importantes. E esse livro não seria apenas para a meditação filosófica. Seria também o espelho capaz de guardar imagens para o historiador futuro” (Gomes, 1996, p. 81).

E não se pode deixar de afirmar que o escritor estava certo e foi capaz de alcançar seu propósito, quando se tem em mãos seus trabalhos e poder ter acesso a esse espelho, produzido a partir de seus registros.

Ele tratou de muitas facetas do ser humano e no caso da Frívola-City, aborda as futilidades que fazem do homem esse ser que pode ser artificial, superficial, mas como o próprio autor diz “A futilidade é o único mal do mundo que não faz mal a ninguém.” (Crônica “Frívola City”). Porém não deixou de lançar mão do senso crítico, em relação aos comportamentos e práticas da classe de que era um grande admirador, às vezes de forma explícita, outras vezes nas entrelinhas, usando o tom irônico, que também poderia enveredar pela autocrítica.

### **Frívola City – um livro possível**

A crônica nomeada Frívola City foi publicada no jornal *A Notícia* no dia 07 de junho de 1908. João do Rio anuncia uma cidade que ganha destaque ao se importar tão somente com os fatos frívolos, onde o assunto principal a ser discutido são aqueles referentes às normas de comportamento social. Ele alinha o Rio a cidades como Chicago, Paris e Londres, porém na urbe carioca o que se destaca é a importância que a futilidade ganha na vida dessa sociedade, “nunca as insignificâncias fizeram como nesta cidade, o fundo das preocupações, o elemento das palestras e das discussões, o sangue alimentador das camadas sociais” – revela o autor. Eis a crônica em que a Frívola City é apresentada e que servirá de base para o prefácio do livro *Pall-Mall Rio de José Antônio José* (1917).

### Frívola City

Se tu não és totalmente frívolo, toma o pacote e suicida-te. Quem não for [...] de frivolidade, quem não resolver perder o tempo todo com tudo quanto é inútil, não viverá nesta cidade, dentro de muito pouco tempo. Eu sou frívolo, frívolo à beira do escândalo e estou alarmado. Em continuando as coisas assim, tremo de saber como poderei ser insignificantemente interessante para o mês que entra. Porque, com efeito, estão as exagerar.

Há alguns anos eu só admitia em grandeza uma cidade: Chicago, *The Mammouth City*, e isso graças à estatística. Imaginem que no grande centro americano conta-se um nascimento por oito viventes, uma morte de quarto em quarto de hora, um assassinato por setenta horas, um suicídio por dezoito horas, um desastre de cinco em cinco horas, um conflito de vinte e seis em vinte seis minutos, um roubo com infração de três em, três horas, um ataque à mão armada na via pública, de seis em seis, uma prisão de sete em sete minutos, um incêndio e três casamentos por quarto de horas, a conclusão de um edifício de minuto a minuto e meio...

Esta delirante cidade impressionava-me. Nem Paris, nem Londres podiam ao meu cérebro rivalizar com a torrente de vida que fazia ter casamentos e um incêndio por quarto de hora e punha acabado de minuto a minuto e meio um edifício enorme. O Rio nem me aparecia na comparação - cidade de poucas mortes, de poucos suicídios, de poucos roubos, em que se faz uma gritaria enorme meio ano em torno de alguns rapazes bonitos que empalmaram, a algumas viúvas, algumas miseráveis quantias...

Mas agora não. Agora apliquei a estatística e a observação ao nosso grande centro e verifiquei a grande verdade: - se Chicago é a cidade *Mammouth* pela plethora vital, há uma outra cidade cujo nome devia ser Frívola-City, porque nunca as insignificâncias fizeram como esta cidade, o fundo das preocupações, o elemento das palestras e das discussões, o sangue alimentador das camadas sociais. O Brasil precisa fazer economias para que de Londres não lhe passem pitos, nós temos a varíola, os novos descobridores da terra resolvidos a escrever livros pagos adiantados, o sorteio militar, a inimizade pessoal da *Prensa* em Buenos Aires, as secas do Norte, a luta dos partidos políticos, a carestia geral e uma quebradeira completa. Entretanto que se conversa, que se discute?

Ah, meu amigo, que se discute? O Manual do Bom Tom! O Rio está diante de um espelho com pó-de-arroz, cold-cream, carmin, khol, pata de lebre, três ou quatro costureiras no quarto, uma porção de fatiotas por cima das cadeiras e uma grande data de credores à porta. Arrebica-se, tagarela, e manda despedir as contas. Preocupação única: estamos todos trinquês à beirinha, conforme mandam os manuais da futilidade.

Outrora, ontem, as senhoras cariocas vestiam em, simplesmente, naturalmente. Hoje agora, a ideia fixa do vestuário, com muita literatura e estéticas variadas entrou-lhe pelo miolo adentro, com os termos ingleses e hábitos de Paris. É preciso acordar de manhã com uma *toilette*, ter outra para o almoço, outras para o *après-midi* conforme fica em casa, sai a passeio ou vai fazer visitas e percorrer salões onde há *tea* ou onde se joga as *sans-atouts* do *bridge*, outra para o jantar, outras para a noite conforme vá a um baile, a um teatro ou a uma simples reunião. As mães, em vez de pensarem que as amas não cuidam bem dois filhos, lembram um chapéu caro, verificam as mangas do vestuário e discutem estes problemas graves:

- Deve-se ir ao teatro de chapéu?
- Só de camarote.
- Mas antigamente era o contrário.
- Também antigamente usava-se o xale, grafado à persa: *shall*, e hoje usa-se a *écharpe*.

- Não, o xale volta.
- Que me diz?
- A verdade. Como as mantilhas espanholas...
- Voltam umas coisas e desaparecem outras. Veja você as saias de baixo.
- Acabado o seu reino! Em Paris as damas só usam *maillot*. Não viste a Tina?

E, como se não bastasse tratar do próprio caso – porque as mulheres forçam sempre a gente a elevar-se até elas – deitam para nós, através da face à *maison*, o olhar inquisidor com que o barão do Rio Branco costuma avaliar o apuro dos candidatos à diplomacia, comentam, censuram.

- Oh, filho, tu de sobrecasaca às dez horas da manhã.
- Não se usa?
- Mas está claro que não. E como outro dia, de fraque preto e botas amarelas!
- Também não se usa?
- É imoral.

Se as mulheres, com o seu instinto de elegância, podem ser *fashion* por conta própria, nós os homens estamos ainda muito perto dos hábitos dos colonos, pouco *degrossis*, achando que no fundo essa história de enfeites masculinos, de atitudes à Brummel ou à Sagan, é meio feminina. Mas a Mulher quer o que quer a Mulher; elas querem ao mesmo tempo estas três variedades do sexo contrário: Deus, o Diabo e o Homem Simples. Como este último é o único de existência evidente, é este o último que se vê a braços a Elegância. Adeus, ideias gerais, preocupações superiores, negócios, transações, estudos! O carioca renova a farsa do *Burguês Gentilhomem*. Qual o *toilette* mais própria para a manhã? Os coletes são em bico e de cores escuras ou redondos de cores claras? Como se usa a gravata? Apesar do calor, devemos ter um sobretudo de peles, porque a estação é de inverno? O chapéu de coco ou o chapéu de palha coloca-se a três pancadas como os ingleses ou no alto da cabeça como vem nas gravuras de Paris? A dança da moda é *cake-walk* ou *boston*?

Alguns mandam perguntar aos jornais: “-Tenho que ir a um casamento ao meio dia. Qual o meu traje?”. Outros interrogam se com *smoking* se deve usar luva preta, ou luva branca. A preocupação é a moda, um dandismo de pacotilha, mal arranjado. As palestras restringem-se a essa futilidade tão colossal, que chega a ser inverossímil, de Botafogo à Gamboa as meninas falam em *up-to-date*, em *smart set* em *chantecler* e em *dernière-petrlelie* e a cidade passa uma semana inteira a discutir se deve ir ou não ir de casaca a um teatro dramático.

Ainda ontem, em pleno saguão de teatro, numa roda de gente do tom, os homens todos discutiam gravemente a casaca.

- O *smoking* é um traje para fumante.
  - Mas a moda varia de países conforme a temperatura. Na Índia, os ingleses usam dólman branco de brim, com colete preto de casaca e peitilho.
  - Que temos nós com isso? Não se quer uma civilização especial, quer-se a Civilização.
  - Apoiado! Casaca, botões de pérola ou de ouro fosco, peitilho fofo, as mangas da casaca assim a modo de mangas perdidas das senhoras, mas um pouco *évasées*...
  - Mas se nós não temos casaca!
  - Oh!
  - Você pode contar no Rio, pondo de parte a casaca do David Campista, *very fashion*, e a do Antônio Bastos, tudo quanto há de mais *boulevard*, cinquenta casacas bem feitas. Cinquenta? Digo mal. Vinte e cinco. O resto são casacas dos nossos avós, herdadas com os móveis e as recordações de família. Sou pelo *smoking*.
- Como eu passasse na ocasião, de *smoking*, humildemente à frescata, o grave discutidor chamou-me:
- Diga você: *smoking* ou casaca?



Naquele momento, assim de chofre, percebi que ou eu era a meta do frivolidade maluco ou seria corrido daquele meio *swell*. Finquei o pé no degrau e disse:

- Casaca.

- Num país que não a tem?

- Em elegância sou radical. Cá comigo à noite, um homem só está decente ou de casaca na rua ou em fralda na cama!

Não! Quem não for inverossímil de frivolidade, quem não resolver perder tempo todo com tudo quanto é inútil, não viverá nesta cidade dentro de muito pouco tempo. Porque, com efeito, em *Frívola City* começam a exagerar a frivolidade...

João do Rio (*A Notícia*, 07 jun. 1908)

Esta crônica de 1908 já mostra certa obsessão de Paulo Barreto pelo universo dos elegantes da alta roda da sociedade, o que vai se intensificando em sua atividade de jornalista e de ficcionista. Nessa perspectiva, a partir desse recorte sociocultural, dado pelo próprio João do Rio, foi feito um levantamento através do catálogo de sua obra organizado por João Carlos Rodrigues e da hemeroteca da BN, do que poderia ter sido o livro *Frívola city*. Constatou-se a presença de motivos temáticos recorrentes, que permitem agrupar as crônicas, embora seja importante ressaltar que há entre tais temas um grande diálogo, e muitas vezes os limites entre um e outro se confundem.

Um primeiro levantamento dos textos resultou na recolha de 378 crônicas, que em seguida foram submetidas a uma segunda seleção mais rigorosa pela leitura e discussão com o orientador. Tal procedimento metodológico permitiu estruturar o livro anunciado e não publicado por João do Rio.

Assim o livro poderia (enquanto possibilidade) ter a seguinte estrutura, em que os textos foram agrupados pela dominância temática, aspectos que constroem a *Frívola City*.

### 1. A era dos aparatos modernos

Consumir as novas tecnologias significava poder estar consumindo o que mais exclusivo se tinha. Automóvel, cinema, fotografia, telefone e outros aparatos tecnológicos vindo direto do exterior eram mais uma forma de demonstrar distinção social, assim como estar integrado com a modernização que inundou a cidade.

<i>Título</i>	<i>Sinopse</i>
1 – Sem título - Joe	A moda dos cinematographos (I) - Gazeta de Notícias, 29 set 1907
2 – Sem título - Joe	A moda dos cinematographos (II) - Gazeta de Notícias, 24 nov 1907
3 - Automóveis – João do Rio	A utilidade dos automóveis nos tempos modernos – A Notícia, 21 jun 1908
4 - Sem título – Joe	Mania de cinema – Gazeta de Notícias, 09 mai 1909
5 - A catedral do cinematógrafo – João do Rio	A inauguração do luxuoso cinema Odeon – A Notícia, 28 ago 1909
6 - Sem título - Joe	A iluminação pública do Rio vista de um automóvel - Gazeta de Notícias, 25 jun 1911
7 - Sem título – Joe	Os diversos e modernos usos do telefone – Gazeta de Notícias, 20 mar 1911
8 – Telefones – José Antônio José	O uso mundano do telefone – A Revista da Semana, 15 abr 1916
9 – Clic! Clac! O fotógrafo – José Antônio José	A moda da fotografia - O Paiz, 08 ago 1916
10 – Sem título - José Antônio José	Do cinematógrafo - O Paiz, 21 ago 1916
11 –Sensações de cinema/ O cinema e os novos costumes - João do Rio	A penetração americana no Brasil através de Hollywood – O Paiz, 24 fev 1920

## 2. *Boulevard*

A Regeneração realizada no Rio tinha como uma das ambições o alargamento das ruas, abrir largos corredores, que substituíssem os caminhos e ruas apertados que formavam pequenos becos no centro da cidade. Assim, o *boulevard* pode ser considerado um dos grandes objetivos em toda essa reforma e seu legado também, visto que colocava para trás o aspecto de colônia, de cidade pequena, que o Rio carregara até então. Por ser símbolo dos novos tempos da cidade, ele tem o propósito de servir de passagem, sobretudo, para quem era de interesse estar em trânsito nessa cidade, por aqueles que compunham essa cidade e lhe dariam vida. Com os postes iluminando as ruas, a elite pode explorar as andanças noturnas, ficando para trás a fama hostil que a cidade à noite carregava. O *boulevard* por excelência era a então denominada Avenida Central (hoje Av. Rio Branco), que inspirada em Paris, possibilitou a criação do mito da Avenida, o “grande salão” por onde desfilava *tout Rio*.

<i>Título</i>	<i>Sinopse</i>
1 – Sem título – Joe	Na Avenida, à tarde - Gazeta de Notícias, 24 nov 1907
2 – Sem título – José Antônio José	A Avenida Beira-Mar à noite – Gazeta de Notícias, 21 jun 1908
3 – Sem título – Joe	O anoitecer das avenidas iluminadas - Gazeta de Notícias, 23 ago 1908
4 – Sem título – Joe	Cortejos matrimoniais na Avenida Central - Gazeta de Notícias, 30 jun 1911
5 – Sem título - José Antônio José	Conversa mundana na Avenida Central - O Paiz, 31 mai 1916
6 – Sob ameaça de chuva - José Antônio José	Tarde de inverno na Avenida Central – O Paiz, 16 jun 1916
7 – Sem título - José Antônio José	Jardins para passear (os parques públicos) – O Paiz, 28 jun 1916
8 – A season - José Antônio José	Observando gente passear pelas ruas – O Paiz, 08 jul 1916
9 – Sem título – José Antônio José	Elogio dos jardins públicos - O Paiz, 14 jul 1916
10 – Sem título - José Antônio José	Tarde de chá na Avenida – O Paiz, 27 ago 1916

## 3. *Higienização - Esporte e Mar*

Uma das bandeiras que são levantadas com a Regeneração é uma cultura de higienização. Junto com o Rio colonial, a ambição é deixar para trás também as condições insalubres que ainda existiam em grande parte da cidade e assustava inclusive os estrangeiros, que ouviam os rumores de doenças e a falta de saneamento. Por conta disso, um discurso de higienização é implantado na cidade e logo os hábitos associados à limpeza e à saúde se popularizam e são adotados pela sociedade, mesmo com alguma resistência, a exemplo da Revolta da Vacina. A procura por ares melhores encaminha os habitantes à orla, que será valorizada e se tornará mais frequentada. Os banhos de mar e as práticas esportivas ganham espaço na dinâmica da cidade, o que antes não era uma possibilidade. As práticas esportivas, como traço de modernidade, também completam as atividades. Como o footing, o tênis, o remo, o hipismo, o futebol (ainda não popularizado), diversos esportes ganham destaque e grande parte ainda era exclusivo à elite.

<i>Título</i>	<i>Sinopse</i>
1 -Sem título - X	Os banhos de mar no Rio de Janeiro - Gazeta de Notícias, 24 dez 1903
2 - O último esporte – João do Rio	A moda dos esportes no Rio: hipismo, pelota basca, velocípede, futebol, e agora patins – A Notícia, 31 dez 1908
3 - Sem título - José Antônio José	Uma partida de futebol no Clube dos Diários – O Paiz, 13 out 1915
4 - Sem título - José Antônio José	Campeonato de remo em Botafogo – O Paiz, 25 out 1915
5 – Aphordisia – João Do Rio	Diálogo com Afrodite sobre a nova moda dos banhos de mar – O Paiz, 19 fev 1916
6 - A paixão pelo mar - José Antônio José	A moda dos banhos de mar – A Revista da Semana, 11 mar 1916
7 - Sem título - José Antônio José	Hipismo – O Paiz, 08 mai 1916

8 - Encantadores - José Antônio José	O footing na Avenida Central – O Paiz, 13 mai 1916
9 – Hora do futebol - José Antônio José	Partida futebolística no campo do Flamengo – O Paiz, 14 mar 1916
10 - Sem título - José Antônio José	Concurso de regatas na enseada de Botafogo – O Paiz, 14 ago 1916
11 - Sem título - José Antônio José	Futebol – O Paiz, 04 set 1916
12 – Tênis - José Antônio José	A nova moda do lawn-tennis – A Revista da Semana, 09 set 1916
13 - Sem título - José Antônio José	O footing – O Paiz, 13 nov 1916
14 - A praia maravilhosa – João do Rio	A praia e o novo bairro de Ipanema – O Paiz, 22 mai 1917

#### 4. Moda

Para a sociedade do Figurino, nada é mais importante que a aparência. Como a distinção se dá pela diferenciação na aparência, a moda ganha um novo significado. E nesse aspecto, olhar para o estrangeiro não será diferente, toda a tendência de moda é trazida para o Rio de Janeiro. Esse tema rende muitos assuntos para o escritor, que vão desde regras de moda, aos conflitos gerados pelo excesso de informação sem qualquer filtro, que também rende bons relatos sobre a ânsia de se vestir como europeu.

<i>Título</i>	<i>Sinopse</i>
1 - A moda - X	Crônica. A chegada do inverno no Rio de Janeiro – Gazeta de Notícias, 14 set 1903
2 - Sem título - Joe	Reflexões sobre a gravata masculina diante de uma vitrine da Rua do Ouvidor – Gazeta de Notícias, 06 out 1907
3 - Sem título – Joe	Conversa com um intelectual nortista sobre se a nova moda feminiza ou não o homem – Gazeta de Notícias, 17 mai 1908
4 - Sem título – Joe	Diálogo entre uma casaca e um smoking, no teatro Lírico – Gazeta de Notícias, 12 jul 1908
5 - Sem título - Joe	O uso do chapéu feminino na plateia dos teatros – Gazeta de Notícias, 25 abr 1909
6 - Sem título – Joe	Reflexões sobre o uso dos chapéus masculinos/ Diálogo com uma casaca preta sobre a moda de suas congêneres coloridas – Gazeta de Notícias, 18 jul 1909
7 - Sem título – Joe	Elegância masculina – Gazeta de Notícias, 16 jul 1911
8 - Sem título – Joe	O uso do bigode – Gazeta de Notícias, 31 mar 1914
9 - A saia curta - José Antônio José	A nova moda feminina – A Revista da Semana, 23 mar 1916
10 - Moda masculina - Palestra figurino - José Antônio José	Diálogo com o personagem Jacques Pedreira – A Revistada Semana, 10 jun 1916
11 - O pijama feminino - Conferência austera - José Antônio José	---- - A Revista da Semana, 17 jun 1916
12 - Vestidos - José Antônio José	O vestido feminino como obra de arte – O Paiz, 22 jun 1916
13 - Cores - José Antônio José	As cores adequadas para o nosso clima – O Paiz, 22 jun 1916
14 – Modas – José Antônio José	Inauguração da Casa das Modas - A Revista da Semana, 20 set 1916
15 – Penteados - José Antônio José	Os penteados femininos – A Revista da Semana, 23 set 1916
16 - Sem título – José Antônio José	Comentários de Jacques Pedreiras sobre os sapatos femininos – A Revista da Semana, 07 out 1916
17 - Um conselho – Joe	Conselho às senhoras de família sobre o vestido curto – A Revista da Semana, 14 out 1916
18 – Mayfair e a moda ultrajante - João do Rio	A nova moda do mau-gosto surgida no bairro Mayfair – A Revista da Semana, 16 ago 1919

#### 5. Mulheres

Embora os trajes masculinos passem a ganhar tanta importância quanto a feminina, a mulher ainda é a grande musa da moda. João do Rio além de criar personagens para falar das demandas e preocupações da mulher nessa classe, também registra a atividade das mulheres da alta sociedade, onde participam de reuniões promovidas em suas casas e de artistas que se apresentam pela cidade, como Isadora Duncan.

<i>Título</i>	<i>Sinopse</i>
1 - Sem título – João do Rio	O dia de uma senhora da moda – A Notícia, 28 jun 1908
2 – Mudança de estrelas – José Antônio José	Um telefone da atriz Emma de Souza – O Paiz, 17 out 1915
3 - O luxo das mulheres/ Diálogos do Eu masculino – João do Rio	Monólogo sobre a natureza feminina – O Paiz, 29 jan 1916
4 - A mulher e o véu - José Antônio José	Mlle. Renata Gomes reflete sobre a moda feminina dos véus – A Revista da Semana, 08 abr 1916
5 - Livros, leitura e mulher - José Antônio José	Diálogo com Mlle. Renata Gomes – A Revista da Semana, 20 mai 1916
6 – Roman de la rose - José Antônio José	O álbum de impressões de dona Bebé de Lima Castro – O Paiz, 22 mai 1916
7 - Sem título - José Antônio José	Dona Luiza Cavalcanti de Lacerda e seu livro sobre elegância – O Paiz, 24 mai 1916
8 - As extravagâncias da moda - José Antônio José	Diálogo com Mlle. Renata Gomes – A Revista da Semana, 03 jun 1916
9 - Pelos dias de chuva - José Antônio José	A mulher nos dias de chuva – A Revista da Semana, 14 jul 1916
10 - Palestra extremada - José Antônio José	Conversa fútil com Renata Gomes - A Revista da Semana, 15 jul 1916
11 – Mulher - José Antônio José	Numa frisa do Municipal, o barão de Belfort faz citações bíblicas sobre o eterno feminino – O Paiz, 03 ago 1916
12 - A banalidade da vida - José Antônio José	Renata Gomes e a banalidade da vida feminina na sociedade – A Revista da Semana, 12 ago 1916
13 - Sem título - José Antônio José	A bailarina Isadora Duncan exhibe-se no Teatro Municipal – O Paiz, 25 ago 1916
14 - Sem título - José Antônio José	Palavras de Isadora Duncan (encontro num camarim do Teatro Municipal) – O Paiz, 28 ago 1916
15 – Tarde - José Antônio José	Passeando com Isadora Duncan pela Avenida Central O Paiz, 01 set 1916
16 - Carta à sra. Renata Gomes - José Antônio José	As crianças das senhoras da sociedade – A Revista da Semana, 02 set 1916
17 - Economia feminina - José Antônio José	Renata Gomes economiza ao comprar futilidade – A Revista da Semana, 30 set 1916
18 - A surpresa das reuniões - José Antônio José	As imprevisíveis novidades do salão de Alice Gomensoro – A Revista da Semana, 09 dez 1916

## 6. Saison

A justificativa do livro Pall-Mall Rio é ser um registro do inverno de 1916. João do Rio registra as mudanças na cidade e na vestimenta dos cidadãos ao longo das estações. Descreve abertura e encerramentos das temporadas que mudam a aparência da cidade, porém esses registros começam em 1901 e vão ao longo todos os anos.

<i>Título</i>	<i>Sinopse</i>
1 - Crônica de inverno – P.B.	A chegada do inverno no Rio de Janeiro – O Dia, 07 jul 1901
2 - Opiniões sobre o verão – João do Rio	O verão no Rio de Janeiro A Notícia, 10 fev 1908
3 - Confidências do Inverno – João do Rio	Conversa com o Inverno sobre a <i>saison</i> teatral que se aproxima – A Notícia, 16 mai 1909
4 – Sem título - Joe	A chegada da primavera - Gazeta de Notícias, 26 set 1909
5 - Para passar o verão/ Carta econômica - Joe	Observações sobre a sociedade carioca no inverno e no verão – Gazeta de Notícias, 13 jan 1912
6 – Reentré – José Antônio José	<i>Reentré</i> , da <i>saison</i> mundana carioca – O Paiz, 12 abr 1916
7 - A Saison - José Antônio José	A estação teatral – A Revista Da Semana, 29 jul 1916
8 - O cavaleiro da primavera - José Antônio José	Saudações pela chegada da Primavera – O Paiz, 16 set 1916
9 - Fim do ato - Joe	O fim do inverno – A Revista da Semana, 30 set 1916
10 - Sem título - José Antônio José	O prolongamento repetitivo da <i>saison</i> mundana – O Paiz, 24 out 1916
11 - Saudemos o verão - José Antônio José	O aproveitamento da natureza, praias e ilhas do Rio de Janeiro – A Revista da Semana, 28 out 1916

12 - Sem título - José Antônio José	A última festa da <i>season</i> – O Paiz, 05 nov 1916
13 - No tempo do sol - José Antônio José	O sol e o verão carioca – A Revista da Semana, 10 dez 1916

## 7. Salões e espaços mundanos

Assim como os *boulevards* viram lugar de exibição, os salões que ganham ares de clube são o ponto de encontro, da troca de informações, de experiência social e de estabelecimento de novas relações. O salão deixa de ser um fim, para ser um meio e também para ser espaço onde pudessem extravasar e desfrutar sua frivolidade. A atividade tem importância fundamental para experiência social e ganha espaço de destaque nas crônicas de João do Rio. Há também referências recorrentes aos salões da elite, a exemplo dos de Laurinda Santos Lobo, em Santa Teresa, e Nicola de Teffé, a *socialite* fundadora e presidente da Associação da Mulher Brasileira. Durante esse período, muitos estabelecimentos tiveram grande fama e influência, como a sorveteria Cavé, a confeitaria Lallet, restaurante Assírius, o Jockey Club, o Teatro Municipal. Construídos com inspirações europeias, mais especificamente francesas, os novos espaços ofereciam uma possibilidade de se sentir na Cidade Luz, sem sair de casa. Além das reuniões sociais que passam a ser oferecidas como as festas de caridade, as *garden-party*, festivais, destaca-se o *five o'clock tea*, o hábito inglês incorporado pela elite carioca, realizado num aspecto que beira o cerimonial.

Título	Sinopse
1 - Sem título – Joe	Chá das cinco na Cavé/ Garden-party beneficente na praça da Aclamação para a torre da central – Gazeta de Notícias, 25 ago 1907
2 - Sem título - Joe	Diálogo com uma velha cocote na sorveteria Cavé - Gazeta de Notícias, 08 mar 1908
3 - O chá e as visitas – João do Rio	A moda carioca dos <i>five-o-clock teas</i> – A Notícia, 02 abr 1908
4 - Sem título - Joe	Um baile de Aleluia no clube High Life – Gazeta de Notícias, 03 abr 1910
5 - Sem título - Joe	Conversa no restaurante Assírius no intervalo de uma ópera - Gazeta de Notícias, 07 ago 1910
6 - Sem título - Joe	Conversa fútil num chá das cinco - Gazeta de Notícias, 06 ago 1911
8 - Sem título - Joe	Chás de caridade – Gazeta de Notícias, 17 jun 1914
9 - Sem título – José Antônio José	Um chá-tango no Jockey Club (I) – O Paiz, 21 out 1915
10 - Sem título - José Antônio José	Pelos chás da Lallet e do Assírius – O Paiz, 24 out 1915
11 - Sem título – José Antônio José	Um espetáculo beneficente no teatro Fênix - O Paiz, 04 dez 1915
12 - Chá no jardim - José Antônio José	Crônica mundana sobre a nova moda de tomar chá no jardim – A Revista da Semana, 13 mai 1916
13 - Sem título - José Antônio José	Jantar no Assírius e conversa mundana – O Paiz, 17 mai 1916
14 - Sem título - José Antônio José	O Assírius, à meia noite – O Paiz, 29 mai 1916
15 - Sem título - José Antônio José	Jantar elegante <i>chez</i> Nicola de Teffé – O Paiz, 08 jun 1916
16 - Sem título - José Antônio José	Jantar no Jockey Club para o embaixador Morgan – O Paiz, 21 jun 1916
17 - Sem título - José Antônio José	Chá-tango no Jockey Club (II) – O Paiz, 13 jul 1916
18 - Sem título – José Antônio José	Festas de caridade – O Paiz, 26 jul 1916
19 - Ah, os cãesinhos! – José Antônio José	Cães de luxo e cachorrinhos de madame – A Revista da Semana, 26 ago 1916
20 - Domingo - José Antônio José	Tarde na Quinta da Boa Vista e noite ao teatro Municipal – O Paiz, 18 set 1916
21 – O teatro em sociedade – José Antônio José	As exibições teatrais amadoras da alta sociedade em festas beneficentes – O Paiz, 04 out 1916
22 - Sem título - José Antônio José	No palacete de Eduardo Ramos – O Paiz, 14 out 1916
23 - Sem título - José Antônio José	No <i>garden-party</i> do prefeito Azevedo Sodré – O Paiz, 18 out 1916
24 – Versos - Joe	Os insuportáveis poetas dos chás das cinco – Gazeta de Notícias, 25 nov 1916

## 8. Arrivismo e esnobismo

O arrivismo e esnobismo são traços que marcam os “encantadores”, que se servirão deles para auto-afirmação. O propósito desse tópico é ressaltar, além de uma atitude reconhecida pelo próprio grupo, é trazer a postura crítica de João do Rio sobre o mesmo, que vem cercada de ironia e de sarcasmo.

Título	Sinopse
1 - Sem título - Joe	O Smart-Club e os mundanos cariocas – Gazeta de Notícias, 12 jan 1908
2 - Sem título – João do Rio	Decálogo do esnobismo carioca – A Notícia, 26 mar 1908
3 - Sem título - Joe	As dívidas do elegante Jorge de Sá - Gazeta de Notícias, 28 jun 1908
4 - Aplicações/ O homem que queria ser rico- João do Rio	Um cidadão gasta a vida tentando ser rico, sem usufruir os prazeres da riqueza – A Notícia, 31 out 1909
5 - Os <i>snoobs</i> e a Exposição – João do Rio	Os esnobes cariocas diante da Exposição – A Notícia, 16 ago 1908
6 - A aparência da riqueza – João do Rio	Conversa num bonde com um milionário sobre a inutilidade e a inconveniência da ostentação – Gazeta de Notícias, 26 mar 1910
7 - Sem título - Joe	Do cosmopolitismo como uma contingência de ter muito que fazer - Gazeta de Notícias, 28 ago 1910
8 - Sem título - Joe	A moda do mundanismo – Gazeta de Notícias, 05 set 1910
9 – Estrangeirite – João do Rio	O uso exagerado de termos em língua estrangeira pelos brasileiros - Gazeta de Notícias, 10 jun 1910
10 - Sem título - Joe	Decálogo do esnobismo carioca – Gazeta de Notícias, 12 nov 1911
11 - Um homem que não tem o que fazer - Joe	Diálogo de um milionário – A Revista da Semana, 08 jan 1916
12 - Eleutério é "homme du monde" - Flaming	Atribuições de um <i>dandy</i> pobre – A Revista da Semana, 01 abr 1916
13 - A sorte de Jacques – José Antônio José	Crônicas sobre o personagem Jacques Pedreira – A Revista da Semana, 06 mai 1916
14 - A crise do perfume - Joe	A guerra na Europa provoca falta de perfume no Rio - A Revista da Semana, 27 mai 1916
15 – Questões gravíssimas - José Antônio José	A coluna de Rafael Mayrink na Revista da Semana – O Paiz, 28 mai 1916
16 - Sem título - José Antônio José	Esnobar – O Paiz, 01 ago 1916
17 – Ser snob - José Antônio José	Esnobismo em terras cariocas – O Paiz, 26 ago 1916
18 – Francesismos – José Antônio José	A mania carioca de falar francês – A Revista da Semana, 02 dez 1916
19 - Espírito e tolice – João do Rio	Como o estudo das tolices de uma civilização é mais útil que o dos seus mais altos espíritos – Paratodos, 28 dez 1918
20 - Poeta Paul Fort - em viagem – João do Rio	A pretensão do poeta francês de ensinar cultura francesa aos afrancesados cariocas – A Pátria, 13 abr 1921

**OBS.: Esse levantamento das crônicas que poderiam compor o anunciado livro *Frívola City* será refinado e analisado mais detidamente na 2ª fase da pesquisa (PIBIC, agosto 2016 - julho 2017).**

### Referências Bibliográficas

- 1 – BROCA, Brito. **A vida literária do Brasil 1900**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Serviço de Documentação, 1958.
- 2- CANDIDO, Antonio. **Radical de ocasião, in Teresina etc**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- 3 - GOMES, Renato Cordeiro. **João do Rio: vielas do vício, ruas da graça**. Rio de Janeiro: Relume-Dumar: Prefeitura, 1996.

- 4 - \_\_\_\_\_. **João do Rio por Renato Cordeiro Gomes**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- 5 - GONÇALVES, Mariana Couto. **O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores**. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244\\_ARQUIVO\\_artigoanpuh\\_ver\\_saofinal\\_.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244_ARQUIVO_artigoanpuh_ver_saofinal_.pdf).
- 7 - GUATARRI, Felix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- 8 - MAGALHÃES JR., Raimundo. **A vida vertiginosa de João do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- 9 - MORIZONO, Vivian Yoshie Martins & ALMEIDA, Alexandre Bebiano. **Crônicas de salão no Brasil e na França: João do Rio e Marcel Proust**. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g\\_pdf/vol28/TRvol28j.pdf](http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol28/TRvol28j.pdf).
- 10 - NEEDLE, Jeffrey D. **Belle Époque carioca: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.
- 11 - NEVES, Margarida de Souza. **"Brasil, acertai vossos ponteiros"**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 1991.
- 12 - \_\_\_\_\_. **O povo na rua, um conto de duas cidades** in PECHMAN, Robert Moses (org.) **olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.
- 13 - NOVAES, Aline da Silva. **João do Rio e seus cinematógrafos: o hibridismo da crônica da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Maud. FAPERJ, 2015.
- 14 - RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Paris: Garnier, 1910.
- 15 - \_\_\_\_\_. **A profissão de Jacques Pedreira**. Rio de Janeiro. Paris: Garnier, 1911.
- 16 - \_\_\_\_\_. **Psicologia urbana**. Paris: Garnier, 1911.
- 17 - \_\_\_\_\_. **Crônicas e frases de Godofredo de Alencar**. Rio de Janeiro: Villas-boas & Cia, 1916.
- 18 - \_\_\_\_\_. **Pall-Mall Rio: O inverno carioca de 1916**. Rio de Janeiro: Villas-boas & Cia, 1917.
- 19 - RODRIGUES, João Carlos. **João do Rio: Catálogo bibliográfico**. Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. E Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- 20 - \_\_\_\_\_. **João do Rio: uma biografia**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.
- 21 - SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- 22 - \_\_\_\_\_. **História da vida privada no Brasil vol. 3: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.